



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**Christophaneida ou Introdução à História de Sergipe por Manuel dos  
Passos Oliveira Teles: edição de um manuscrito**

**JULIANA CARVALHO AMENO**

São Cristóvão/SE

2019

**Christophaneida ou Introdução à História de Sergipe por Manuel dos  
Passos Oliveira Teles: edição de um manuscrito**

**JULIANA CARVALHO AMENO**

Artigo apresentado à disciplina Prática de  
Pesquisa como exigência parcial à  
obtenção do título de graduado em  
História, sob orientação do Prof. Msc.  
Wanderlei de Oliveira Menezes

São Cristóvão/SE

2019

## **Christophaneida ou Introdução à História de Sergipe por Manuel dos Passos Oliveira Teles: edição de um manuscrito**

Juliana Carvalho Ameno<sup>1</sup>

### Resumo:

Esta pesquisa é constituída por uma edição documental do manuscrito “Christophaneida” (Introdução a história de Sergipe), escrito em 1892 pelo importante escritor são-cristovense Manuel dos Passos Oliveira Teles (1859-1935). Trata-se de um documento desconhecido pela historiografia sergipana que se encontrava salvaguardado no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. O texto é um esforço do autor para construir uma narrativa histórica acerca da conquista de Sergipe e fundação da cidade de Sergipe del Rei, também denominada São Cristóvão, após a conquista militar comandada por Cristóvão de Barros, efetuada em 1590. O manuscrito encontra-se dividido em duas partes. A primeira parte (denominada pelo autor de capítulo 1) tem vinte laudas. O capítulo 2 tem às 10 laudas restantes. O manuscrito é composto por 30 páginas numeradas, sendo que as nota de rodapé foram numeradas como pertencente as folhas correspondentes (6A, 15A,17A,18A, 18B, 19A, 25A, 26A e 29A), além da última folha que não se encontra numerada. A referida página é na realidade uma nota de rodapé da última folha do texto.

**PALAVRA-CHAVES:** Manuscrito, Sergipe Colonial, Edição documental.

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe. Contato: jullyameno@hotmail.com

# **Christophaneida ou uma história das origens de São Cristóvão por Manuel dos Passos Oliveira Teles: edição**

Juliana Carvalho Ameno

Christophaneida (Introdução a história de Sergipe por Manuel dos Passos Oliveira Teles  
São Cristóvão, 1892

## **Capítulo 1**

O paiz a cuja historia vamos escrever esta modesta introdução, muito cedo moveu a ambição de conquistadores, que embrenharam-se pelos seus sertões a dentro, e appresaram pelos feitos da sua audacia a obra da colonisação. É um dos mais favorecidos pela natureza. Seria talvez o mais prospero, se, de longa data, e aos centos de vezes, circunstancias sinistras não lhe tivessem estorvado a marcha progressiva.

Chama-se Sergipe, nome que desde a conquista foi preferido pelos aventureiros portuguezes. Tomaram-no ao rio que assim se chama; o qual atravessa com pequenos numerosos tributarios importante parte do territorio do Estado conhecido por Cotinguiba, do nome do principal affluente, e que com razão pode ser designada a contemporanea de Sergipe.

O vocabulo Sergipe, que tão differentemente tem sido arthographado (até alguns escreveram Cerissipa) apparece com tres formas distinctas e constantes nas geographias do Brasil e nas chronicas do Estado: Seregipe, Seriry e Serigy, significando rios todos tres; dos quais o correspondente a teceira é tributario do indicado pela primeira. Todos tres porem são uma unica palavra differentemente affeioada ao oriundo portuguez, de molde a formar no correr dos tempos tres designativos distinctos. Os portuguezes do certão escreviam conforme a palavra usava. A differenciação que assenta nesta causa encontra-se em muitos outros vocabulos indigenas dados a serras, logares e rios. Itabaiana vem muitas vezes escripto Itabajoana; de Aracajú fizeram Arcaíú e Guarquaiú; Mocary apparece nos documentos com as formas Mocarira e Moconir; o Pochim é ás vezes Ypochy (forma verdadeira) e Ypochcin; e a palavra Cotinguiba, pronuncia portugueza do indigena Cotingiba, por muito tempo foi lançada por chronistas e pelos colonos Cotenguiba, algumas vezes Cotengipe e Cotendiba, que ainda hoje é usada. A expressão Serigy perdeu o objecto a que se applicava. Mas, segundo as descripções que colhemos em alguns documentos, é licito suppor que o rio deste nome é aquelle braço do Sergipe que desagua ao norte da cidade de Aracaju, em frente a embarcadura do Pamanga, a que hoje da-se o nome de Rio do Sal.

É temerario affirmar que a phrase Sergipe d'El-Rey deriva dos primeiros tempos da conquista, não obstante chronistas e historiadores haverem della usado para designar a terra de Sergipe, e affirmarem sem mais indagações ter ella sido uma simples

dependencia da Bahia. Dr. Felisbello Fereire, que foi quem mais demorou-se na narração de alguns pontos da historia sergipense, diz que talvez pelo facto de passarem as 50 leguas herdadas por Manoel Pereira Coutinho, por contracto a posse da coroa, e por haver Sergipe do Conde, chamou-se Sergipe d'El-Rey.

Entretanto, é certo que a sua nova capitania até meados de 1600 em XVII seculo somente foi conhecida por Sergipe (Seregipe). Os documentos officiais e forenses de 1590 a 1650 são lançados e datados nesta capitania de seregipe, cidade de são cristovão. As palavras tabeliãos e sacramentaes dos cabeçalhos dos actos me escripturas rezam,, nesta sidade de são cristovão capitania de seregipe,, e os primeiros capitães e governadores, Diogo de Goadros, Thomé da Rocha, Cosme Barbosa e Nicolás Falleiro, datavam seus despachos em seregipe , sem aquelle appendice ocioso. Os primeiros moradores, nos dizeres dos regimentos, sempre allegavam residencia,, na sidade de são cristovão capitania de seregipe, ou mudança de domicilio, para esta capitania de seregipe, outros, residentes na Bahia e em Pernambuco, querem contribuir para o acrescentamento da fazenda real possuindo, terras nesta capitania de seregipe para lavrar e passou...

Parece que muito concorreu para muito cedo ser demandada a sua posição intermediaria entre as capitancias da Bahia e de Pernambuco, convindo notar que desses dois centros estabeleceram-se correntes emigratorias cuja continuidade só muito tarde foi intervallada. De Portugal os aventureiros recémvindos formava, maioria relativa. A corrente emigratoria da metropole muitas vezes era interceptada; o que se explica pelas desanimadoras apreensão que tão cedo motivaram as barras do Vasabarris e do Sergipe.

Os aventureiros da Bahia atravessavam os campos do Rio Real, assim desbravando a grande zona onde hoje estão as villas de Campos Itabaianinha e outras localidades. De Pernambuco a retirada tomou o caminho do noroeste avançando muito longe no rumo da Serra Negra. É particularmente aos aventjueitros pernambucanos que se deve a descoberta das cabeceiras do Trapiranga, como aos bahianos cabe a prioridade no reconhecimento da bacia do Rio Real. Uns e outros tiveram de representar saliente papel na colonisação da capitania. Depois de assegurada a conquista, em um periodo admiravelmente rapido e breve, foi explorado quasi todo o oeste, e multiplicados os curraes para aquellas bandas.

Desde suas origens a historia de Sergipe não é fecunda em fatos que, por sua poderosa influencia, tivessem atravessado as series dos tempos com feição uniforme

e invariavel de verdades inquestionaveis e correntes. Frequentemente são adulteradas pelas legendas e pelas tradições as seus mais dramatisados episodios. Suas chronicas referem alguns acontecimentos notaveis; mas ordinariamentre sem relação seguida, separados uns dos outros por consideraveis distancias no tempo; e de muitos apenas poderemos inerir proveitosas conjunturas. Todavia obedecem a uma certa concatinação de factos da historia geral do Brasil. Nunca soffreram por parte dos escriptores rigorosa aferição historica. D'ahi talvez a razão porque as mais minuciosas jamais passaram de chronistas.

Não sendo exclusivamente a historia a narração dos acontecimentos circunscriptos a esphera da acção dos homens notaveis, deve-se ter muito em conta o papel dos pequenos personagens. São ellas que têm trabalhado na colaboração dos heroes, dos philosophos, dos artistas. Assim é que a historia revestirá um caracter pratico trocando a lingua dos deoses pelo fallar humano e accessivel.

Mas, se não ha razão para esquecer o desprezar a contribuição das individualidades aninymas, igualmente deve attender-se para a infinidade dos pequenos acontecimentos. Tudo se prende. Como dos pequenos homens sahem os homens excepcionais, muitas avolumadas revoluções derivam de factorinhos que constituem como os primeiros elos. A historia de um paiz cujo passado não rolou em rios de sangue não será menos digno nem menos scientifico que o das nações que designaram-se por terriveis embates. A historia de Sergipe ainda não echoou; seus actores, com excpção de rarissimos que projectaram alguma saliencia em epochas supervenientes, acham-se emancipados á obscuridade de anonymo. Por isso é que no espaço de trezentos e muitos annos decorridos difficilmente reconstitue-se as suas origens. Superabunda em legendarios factos intermediarios; compõe-se de phrases de tanta confusão, que ao conjuncto dellas não duvidaremos chamar uma antiguidade.

Faltam nas quantidade de documentos, carissimos de muitos imprescindiveis dados para basear as coposições do mojado passado. Por toda bagagem de que possamos extrahir provas para accentuar as nossas origens, temos a par dos dissimentos archivos municipaes, e corroidos das traças, livros dos antigos cartorios, e muitos outros extravagantes, incompletos em grande parte. Os descuidos dos serventuarios, as muitas descollocações que soffreram, senão tambem a falta de escrupulo que motivara mais de uma vez o sumiço desses papeis, certamente contribuíram para o desmantello em

que jazem. Todavia, de fé publica, são elles bons documentos<sup>2</sup>.

A epocha da descoberta do Novo-Mundo determinou o inicio de viagens de aventura para alguns povos da Europa occidental. As imaginações deslumbradas com as descrições maravilhosas de paizes de paizes remotos, agora mais se exalavam que os primeiros navegadores, quebrando o encanto ás distancias, confirmavam aquellas com a noticia de atrahentes realidades. As narrações de Marco Polo acerca do longinquo Cypango eram solenemente testemunhadas, para algumas apenas mudado o proximo, que o proprio Colombo, cujo plano de viagem era demandar a India por caminho accidental, jamais imaginara que entre Europa e Asia encontraria um grande continente. Cada navegante que voltava a patria era recebido como protagonista de uma odysseia de fulgurações cambiantes. As notas dos seus diarios, não raro mal interpretadas e traduzidas, provocavam a febre das aventuras. Formaram-se lendas. O Novo-Mundo parecia possuir o condás das grandezas. Foi buscando o paiz que continha a Fonte da Mocidade que Ponce Leon descobriu a Florida, e essa dourada. Manoa de Orleana fez correr rios de sangue na pesquisa do EL-Dorado. Os particulares atiravam-se á aventura nos paizes descobertos no intuito de accumularem riquezas em breve espaço de tempo, e os povos emprehendiam essas conquistas longinquas com o fito de dilatarem seus dominios. Não é sem razão que o rei de França desejava conhecer a clausula do testamento de Adão que desherdava-o do Novo-Mundo.

Sujeitando a uma dividão os povos que representaram papel saliente na historia da America distinguimos os povos descobridores e os povos conquistadores. Pelos primeiros entendemos os portuguezes e os hespanhoes, cuja audacia arrancou tantas regiões aos seios do oceano, e cujas armas, que lhes asseguraram dominios vastissimos, terçaram contra populações inferiores. Sem duvida, são também conquistadores, mas no ponto de vista em que collocamos; apoderam-se dessas pobres populações como o caçador da alimaria cuja pista descobriu. Mas particularmente, chamamos conquistadores áquelles cuja politica foi arrancar aos primeiros os povos já estabelecidos. Seu choque foi mais tragico, porque então já não era o interesse contra a fraqueza de povos tomados de surpresa e de espanto, mas eram ambições de europeus.

---

<sup>2</sup> NOTA DA PÁGINA 6A, No diminuto archivo do município de S. Cristovão existe a copia de um officio do governo mandando remeter ao Visconde de Cayrú, encarregado de escrever a História Geral do Brazil, todos os documentos e papeis referentes a província de Sergipe. Teriam ido de facto remetido? Já nops primeiros tempos os colonos pedindo aos governadores confirmação das suas dadas de terra alegavam não poderem produzir os riginaes por haverem sido extraviados os respectivos livros. A brusca mudança da cidade para as collinas do Paramopama em 1603 corroboram nas alegações.

Tal é o papel dos francezes, dos inglezes, dos hollandezes.

A acção dos francezes não é balda de resultados imediatos. Por assim dizer, elles abriram os olhos dos descobridores, descuidosos das suas possessões, desprezados e indifferentes a cobiça das outras nações. As guerras de conquista, que trouzeram muita desolação e sobresalto, contribuíram para mudar a ordem de cousas, no sentido de appressar a colonisação. Então comprehendem portuguezes e hespanhoes que a patria já não era unicamente limitada pelo Atlantico ou mares da Hespanha. Estava dilatada até os confins das regiões do accaso do sol.

Chronologicamente, os francezes occuparam o primeiro lugar entre os povos conquistadores. Vemo-los na America do Norte; internados nos paizes que recorta a grande arteria do Mississipi; vemo-los em muitas partes da America do Sul na extensão da costa oriental, em pouco consideraveis soluções de continuidade no tempo, sendo licito deprehender da narração concorde dos historiadores que um vasto plano fôra por elles concebido. A França Antarctica seria o assentamento de uma vasta colonia, de onde posteriormente saisse uma grande nacionalidade, não se devendo encarar por outro modo o facto de effectuarem naquelles tempos a conquista do Brasil em pontos do seu littoral, por assim dizer, equidistantes.

Sergipe foi um dos pontos centrais dos seus empreendimentos, para onde mais tarde refluíram muitos dos que foram devastados no Rio de Janeiro. Os historiadores que têm celebrado a victoria das armas portuguezas no Rio de Janeiro costumam referir que os francezes refugiaram-se no Rio Real, sustentando na costa de Sergipe o commercio com os indios. Entretanto, não vieram pizar terreno virgem e novo para elles. Refugiaram-se em territorio que pertencia-lhes, o qual precedia talvez ao sul em a data da conquista; e tudo faz crer que, penetrando em territorio sergipense por outros caminhos que não pelas barras dos rios, a ignorancia ou silencio dos nomes dos capitães que designaram as suas evoluções militares nesta terra, são talvez causas de pouco attenderem os historiadores para seu estabelecimento em Sergipe, dando-lhes arbitrariamente o qualificativo de piratas e traficantes de pás brazil.

Depois do Rio Real foi o Sergipe o primeiro rio por elles reconhecido, e, de accordo com a opinião de Ayres do Casal, não o descobriram pela foz. A grande curva que principia da ponta do sul da barra do Rio Real só tem tres pronunciadas e salientes pontas intermediarias, a saber: as que formam as barras do Japarutuba, do Sergipe e do Vasabarris. As duas primeiras que avistam os navios procedentes do além-mar ao tomarem rumo de nossas praias, são a do Japarutuba e do Sergipe, lado do norte,

tristemente conhecida nos antigos mappas geographicos e cartas nauticas por ponta da Missia. Entre estas duas pontas fica a grande ilha da Barra dos Coqueiros, formada pelo Oceano, pelos rios Jparatuba e pelo Pamanga que é antes um canal que liga aquelle rio ao Sergipe.

Assim considerada a configuração da costa de Sergipe, devera ter sido facil aos francezes ancorando em frente a Barra dos Coqueiros, atravessarem esta ilha; ou seguindo em pequenas embarcações o curso do Pamanga descobrirem e assenhoraram-se do unico porto de Sergipe de grandes e largas proporções, simultaneamente abrigado das tempestades e das invasões, como é o bello ancoradouro de Aracajú.

Não se pode porem determinar com precisão a data do apparecimento dos francezes em territorio de Sergipe. Sabido entretanto o abandono em que durante mais de trinta annos esteve o Brasil, e que somente quasi em meados do XVI seculo é que o governo portuguez decretou a criação de um governo central na Bahia com jurisdicção em todas as outras capitánias, comprehende-se quão exposto achava-se o paiz a cobiça dos outros povos. Foi por esse tempo que as causas para estender dominios alem do oceano, e a expectativa de riquezas, usavam povos de outros paizes da Europa, as quaes rechaçados em um ponto estabeleciam-se n'outro, assentado as suas tentativas outra tentativas. É neste grande periodo de abandono colonial que encontramos os francezes aquartellados em Sergipe, sem podermos entretanto precisar o momento do seu primeiro desembarque. Não se deve admittir que o intuito exclusivo de commercio com os indios para aqui os impelisse. Por outro lado não é cousa assentada a existencia de páo brazil nas mattas de Sergipe, movel de muitas ambições naquelles tempos, e supposto objecto principal do commercio francez nestas pasagens. Por muito poderosas e oppulentas que fossem as companhias de armadores de Dieppe não erão sufficientes para durante tantos annos opporem tenaz resistencia aos soldados disciplinandos da Bahia e aos aventureiros portuguezes.

Nas fozes, propiciamente nas fozes dos tres principaes rios de Sergipe, não ha noticia de ruinas que derrotem a existencia de atigas fortaleas. Sómente no local de Aracajú, pelas encostas do outeiro do mesmo nome, ainda ha alguns annos passados encontrava-se deteriorados alicerces; o que confirma a opinião de Ayres do Casal, que reproduzimos. Realmente, a bacia do Sergipe é difficil de ser avistada pelos navios que a demandam, por isso que a distancia som-se aos olhos dos marinheiros na linha da costa confundindo-se nos cosborsos e manticulas de areia alva e finissima.

Contudo, é arduo reconstruir perante a historia o periodo da dominação

franceza em Sergipe. Não existe rio, localidade ou serra com um nome que denuncie procedencia daquela nacionalidade. O unico sitio provavel de concentração dos francezes, depois do Rio Real, é o Aracajú, no local que medeia entre o riacho do mesmo nome e o Rio do Sal. Foi provavelmente d'ahi que emprehenderam a exploração e reconhecimento dos sertões.

Acreditamos justificar a ausencia de uma nomenclatura franceza, que tanto carrega de sombra a narração do seu dominio, admittindo que nelles acendrou-se aquelle entusiasmo pelas aventuras, em que mais tarde arderam assim os portuguezes. Seduzidos pela fertilidade do paiz, que das suas accidentações desenrolava-lhes esplendidos panoramas, bateu-lhes a cobiça no peito que as impellio por toda parte. Bateram e picaram as pasagens centrais do norte desafiadas pela provocadora magestade da serr de Itabaiana. Dessas ousadas jornadas a relação seria suncinta e breve; os episodios referidos ás pressas em um mez e consisão, os logares indicados pelos nomes que lhes haviam dado os naturaes. É justamente o mesmo facto que reproduzio-se annos depois, quando os aventureiros portuguezes em seus requerimentos indicavam por nomes indigenas as pasagens em que se pediam terras, muitas vezes logares delles já conhecidos e designados por nomes portugueses. A nomenclatura indigena preponderou nos tempos de formação da capitania, apenas recebendo nomes portuguezes aquellas povoações cuja fecundação era decretada pelo governo ou pelos jesuitas, ou as que os recebiam dos seus donativos e povoadores. Acresce que vivendo em paz com os naturaes, de quem habilmente utilisavam-se as forças para conhecimento e dominação do paiz, evitariam com maximo escrupulo oportunidades para molestal-os. Mas, por outro lado, as tradições perduraram. Os companheiros de Christovam de Barros frequentemente fallavam delles, o que deu logar, como sucede a tudo quanto tem a dita causar impressões demoradas, as exagerações ou amesquinhamento das suas façanhas. Estabeleceram-se em Itabaiana Grande (Itabaianassú), onde começaram o assentamento de uma povoação, provavelmente no local ainda hoje conhecido por Egreja Velha.

Era pois Sergipe uma possessão franceza, cuja colonisação cresceria attentas as condições favoraveis do paiz, quando o proprietario bahiano Garcia D'Avilla, por ordem do governador Luiz de Britto, emprehendeu a conquista das terras do Rio Real, fundando a villa de S. Luzia. O feito de Garcia D'Avilla foi de uma importancia capital para a integração dos dominios portuguezes, por ter precipitado a conquista de um paiz, cuja existencia, não obstante ser limitrophe com a Bahia, era apenas sabida. Ficaria

procrastinada a conquista, se taes inimigos não tivessem penetrado nos sertões do Rio Real.

A tentativa de Garcia D'Avilla não foi coroada de coito; mas teve um lado proveitoso, por despertar no espirito do governador a idéa de envidar esforços para um resultado favoravel. Compreendeu que suas tropas iam enfrentar-se com inimigos de duas raças bem diversas, tendo de bater-se com indios em guerras de ciladas e com outros filhos do mesmo continente europeu notaveis por sua valentia e tambem possuidores da arte da guerra. Não erão como os indios, que mais cedo ou mais tarde submetter-se-hiam a civilisação triunphante; erão homens de iguaes ambições; aquelles contrairos que tantas perdas causaram-lhes em repetidas escaramuças, e que mostravam inquebrantavel obstinação para conservar o solo por elles primeiro conquistado. Já eram sabidas as suas forças, e os recursos do delegado do governador insufficientes. O momento era critico; surgia a criação de uma nova capitania no paiz ocupado por tão temiveis visinhos. Era caso para serias apprehensões do governo. A cidade do Salvador não ficaria incolume ante a expansão da feitoria franceza, e poderoso é o testemunho do colono Braz de Abreu asseverando que,, queriã os ditos franseses por mar e o jentio por tera a tomar a bahia se não lhe viera dar guerra o dito governador Cristovão de Barros,,.

Alem disto reinava discordia entre os indios, e a inconveniencia do governador indo em pessoa ao theatro dos acontecimentos, tendo como consequencia a matança dos selvagens e um cortejo de depredações, não foi mais feliz. Faltou aquelle capitão a habilidade politica necessaria para levar a cabo tão perigosa empreza. Voltou manchado do sangue de Suruby, que morreu na luta estorvando ou aniquilando a obra começada pelo jesuita Gaspar Lourenço. Os francezes aproveitaram-se dessa derrota para soprar o descontentamento entre o gentio, conseguindo ganhar terreno. Era myster uma providencia efficaz, e apelou-se para a coroa. A conquista foi então decretada. A luta ia tomar outra face com o apparecimento de um outro personagem – Christovam de Barros. Já distincta por seus serviços prestados no Rio de Janeiro, o nome do novo capitão era provado na escola das experiencias. Impunha-se pelo seu valor e grandeza d'alma; seu nome adaptava-se as exigencias do momento. Era filho natural de Antonio Cardoso de Barros, que foi Provedor na Fazenda no governo de Thomé de Souza, e talvez devesse tambem ao seu nascimento obscuro a sympathia de que tornou-se alvo, e que proporcionou-lhe a facilidade de alistar soldados; pois, como veremos adiante, a conquista de Sergipe foi uma guerra sobretudo popular. No conselho reunido pelo

governador Manoel Telles Barreto para decidir-se acerca das garantias pedidas pelo gentio de Sergipe negara francamente seu voto pouco confiado em suas manifestações de submissão. Cedo compreendeu o general que essa apelação dos índios occultava manhas de homens inteligentes e civilizados. Não era possível que aquelles mesmos índios, que já sabiam usar as armas européas, e que forão tão hostis a Luiz de Britto, depressa esquecessem a derrota soffrida, a morte de Suruby, a prisão de Aperipé e de Serigy, e o encarceramento de mil e duzentos dos seus irmão na igreja de S. Thomé<sup>3</sup>. Não acreditava na facilidade da empreza, que tinha o duplo fim de conquistar o paiz e expulsar para sempre os francezes. Foi, entretanto, muito feliz porque poude reuni numerosa tropa, seis peças de bronze, dois falcões de dardos e uma peça de colher<sup>4</sup>.

Cabe notar que se Christovam de Barros colocara-se a frente do seu circuito na dupla qualidade de governador e de general, todavia não foi como governador que levantara tropas. A conquista de Sergipe foi um movimento popular dos tempos coloniais, poucos visos ostentor de caracter official. Approvado pela côrte o projeto de conquista, a interferencia do governo foi relativamente pequena. Não tivessem os francezes crescido em numero e forças, a ponto de esperar-se a cada momento a invasão da Bahia, e talvez a conquista da terra e criação da nova capitania fosse retardada.

Os companheiros de Christovam de Barros eram homens anonymos. Não cabendo-lhes, por impropria, a moderna expressão de burguezes, os conquistadores de Sergipe foram todos aventureiros, querendo significar por esta palavra homens alistados ou recrutados dentre as classes media e baixa da sociedade. Nos livros de sesmarias poucos requerimentos encontramos em que os supplicantes allegam serem,, homes de calidade,, e só uma única vez vimos mas já em tempos affastadamente porteriores a conquista, documento firmado por um fidalguoda casa D'el-Rey,, São todos elles simples officiaes de officio, soldados ou marinheiros; poucos allegam,, muita pose, phrase esta que, não designando a nobreza de sangue, exprime certamente a abastança pecuniaria, e particularmente a abastança pecuaria.

O entusiasmo pela guerra foi geral, e não paixão contribuiu para que se avolumasse com açodamento, a recente derrota dos índios que parecem de bom agouro, a reconcentração instantanea dos francezes, que aos olhos do vulgo se não figurava uma traição as noticias da belleza e urbedade do paiz e a esperança de augmentar a escravaria. Engrossaram-se as fileiras de Christovam de Barros, e só marcharam

---

<sup>3</sup> NOTA DA PÁGINA 15A: Dr. A. H. Leal. Jesuitas No Brasil

<sup>4</sup> NOTA DA PÁGINA 15A: Vid. Porto Seguro, Hist. Geral.

escoteiros os que unicamente contribuíram com sua pessoa. Todos ajudaram a tomar a terra,, com sua pessoa e armas e escravos e cavalos,, os ricos e abastados fizeram, senão todas, pelo menos grande parte das despesas da guerra, concorrendo com bagagem e dinheiro; e estes sacrificios ou obrigações foram largamente remunerados pelos primeiros governadores com a concessão de extensas dadas de terra. Como algumas vezes acontece que a vizinhança ou imminencia de um perigo, por circunstancias inesperadas e oppostas, desperta subito nas que procuram demovel-o impetuoso ardor que tempera o susto que lhes toma a alma, essa luta com os francezes e com o jentio teve o poder de desfarçar o medo dos aventureiros por um admiravel irrompimento do de entusiasmo.

Christovam de Barros confia a vanguarda das tropas a Antonio. Fernandes e a retarguarda a Sebastião de Faria, expedindo suas forças por mas e com ellas embarcando, e por terra cujo comando confiou a Andre Rodrigues e Rodrigo Martins<sup>5</sup>. Compunham-se as forças de terra de mil indios e cento e cincoenta moradores, entre brancos e mamelucos<sup>6</sup> tendo aquelles capitães ordem do general para engrossarem as fileiras pelo engajamewnto e aquisição de indios, ordem que foi prudentemente executada com resultados satisfactorios. A marcha foi dura e penosa. Atravessaram sertões invaos, abrindo picadas, assentando pontes, vadiando rios e lagoas, sujeitas as intemperies e dos assaltos das feras. E assim foram abrindo caminho até a passagem<sup>7</sup> em que Boypeba, outro valente chefe ou morubixaba, apresentou-se –lhes a sustar a marcha. O conflicto foi brutal e o perigo foi grave. Os indios abriram algumas brechas e claras nas linhas portuguezas, mas foram batidas graças aos promptos e rapidos aucilios de Christovam de Barro, e fugiram com perda consideravel. Entretanto, o insucesso mão intimida Boypeba. Reune alguns milhares de indios (Varnhagem diz que os calculou chegar a uns vinte mil frecheiros), e vae esperar os conquistadores em

---

<sup>5</sup> NOTA DA PÁGINA 17A

(4). O Visconde de Porto Seguro escreveu Alvaro Rodrigues. Nos antigos documentos que consultamos este nome é André Rodrigues; é assim também que vamos escripto nas sesmarias de Balthasar Luiz, Domingos Fernandes e Christovam Leal pedidos ao governador Cosme Barbosa. Preferimos seguir os documentos.

<sup>6</sup> NOTA DA PÁGINA 17A: (5). Porto Seguro, O. Cit.

<sup>7</sup> NOTA DA PÁGINA 18A

(6). Preferimos escrever assim o nome desse moubixaba. Os documentos dizem Boipeva, pronuncia portugueza, nenhum porem Mobapeva ou Albapeva. Sua aldeia ficava lá para o rio Itapicurú onde há uma fazenda (\*) ou tapera com este nome, e não na varzem do Vasabarris, em S. Christovam, como suppõe DR. Felisbello Freire, em nota, referindo-se a de que falla Jaboatão, citando o mais de um curioso, que lhe dei a dita aldeia o nome de Mahapena. (Boypeba = Asa, Peba – cobra falsa?- (\*) Segundo nos tem informado; a qual não deve ser confundida com outra povoação de igual nome no mesmo estado da Bahia.

uma varzea do Vasabarris, perto do littoral, onde levanta tres entricheiramentos<sup>8</sup>. Todavia não foi mais feliz o morubixaba, a despeito da sua grande ala de exercito, e as forças portuguezas succumbiriam ao numero se faltar-se-lhes a perícia do general. Destroçaram Boypebaem diferentes encontros, e o foram sitiando a pouco e pouco até que o cacique apertado mais e mais pelas angusteiras do cerco, a ponto de já não ter água para desalterar a si e a suas tropas, e acossado pelo desespero se dispoz a abrir caminho entre as forças portuguezas custasse o que custasse, ferindo-se então batalha decisiva em que foi o cacique completamente devastado. Juncaram os campos milhares de indios mortos, ficaram captivos uns quatro mil, e grande numero internaram-se pelo sertão. Ignora-se o fim de Boypeba cujo nome não apparecerá mais no seguimento desta narração. Pouco a pouco foram sendo batidos e destroçados os outros morubixabas, Moribeca, Pindahiba, Jacatuba ou Pacatuba, e Japaratuba com quem Christovam de Barros firmou pazes.

Com a submissão dos indios não acabou entretanto, a luta que continuou renhida. Era moytei expulsar os francezes, empreza temeraria e arriscadissima, que foi muito mais rapida do que se poderia esperar do homens açontados pelas intemperies e já quasi exhaustos. Tal era a impaciencia e ancia de exterminarem os francezes que todos os estorvamentos forão resignadamente superados. Os encontros sucediam-se quasi sempre com desvantagem para os portuguezes. Os indios appareciam ainda ao lado dos francezes, vibrando armas de fogo, abrindo brechas nas fileiras dos pobres aventureiros. Os candeaes e tableiros de Itabaiana foram theatro de duas batalhas, na primeira das quaes, que teve logar junto a uma dos tres piquos, (Serra do Sobrado), ficaram estendidos cento e cincoenta portuguezes de cujas armas serviram-se os francezes para os indios, a quem haviam ensinado,, o artificio do fogo,, , seguindo o testemunho de Braz de Abreu, um dos companheiros do general, que tres annos depois, quasi tomado o paiz, em uma segunda batalha,, recebeu muytas frechadas e pelouradas<sup>9</sup>, Mas, no fim de contas, as melhores posições estrategicas cederam, não

---

<sup>8</sup> NOTA DA PÁGINA 18B:

(7). Junto a esta varzea havia uma aldeia que posteriormente tornou-se tapera. É a mesma aldeia Mahapena ou Mahapanema, de que falla Jaboatão. Citado pelo Dr. F. Freire, situado em terras que depois forão comprehendidas na sesmaria de Gaspar de Merens (1600), cujo nome conserva o modero povoado Merem. Esta mesma palavra, victima das corruptelas phonicas designa o pequeno rio de S. Christovam, hoje conhecido por Paramopama. É um diminuto affluente do Vasabarris, de agua salgada e sujeito a influencia das marés, para o qual accorrem muitos ribeiros de agua limpida e potavel. Não deve ser confundido com outro cujo nome, Ipanema, indica origem identica, e corre para o Vasabarris a 10 ou 12 leguas do littoral.

<sup>9</sup> NOTA DA PÁGINA 19A

(8). Reproduzimos a petição. - Diz bras dabreu que elle veyo sendo governador cristovão de barros ajudar a tomar este sergipe com suas armas e quavalos e escravos a sua custa em serviso da sua magestade he

nos sendo possível pela escassez de documentos narrar circunstanciadamente o desenlace da luta que teve lugar pelas armas de 1593 a 1596, no governo de Thomé da Rocha e Diogo de Goadivo. O certo é que Christovam de Barros vibrou golpe mortal sobre os francezes, que de então em diante forão enfraquecendo, e os índios seus aliados, espavoridos abandonaram suas fileiras. Em breve viram-se os francezes reduzidos aos seus próprios recursos.

Christovam de Barros tira das suas victorias o partido que nessas occasiões podem dictar as leis da guerra, e lança os fundamentos da provação destinada a seu séde do seu governo, a qual deu o nome de S. Christovam ou Christophopolis, no estylo latinisante daquella epocha, para honrar simultaneamente o santo do seu nome e o Christovam de Moura valido portuguez na côrte de Phillippe II. Lavrou-se um anto escripto da fundação da cidade, que infelizmente perdeu-se.

Começa então para a historia de Sergipe um periodo novo em que os factos, não obstante poderem ser mais claramente apreciados, vão ficando sobremodos insignificantes.

## Capítulo II

Um dos factos que na historia de Sergipe deveriam mais atrahentemente prender a attenção de quantos a tem escripto, em geral tem sido tratado com desinteresse e prejuizo para a verdade historica. Referimo-nos a fundação da cidade de Sergipe ou S. Christovam.

Occasião se nos offerece para até nosso assignalar a infidelidade desta pobre terra.

Assegurada a conquista, Christovam de Barros,, levanta um forte sobre o isthmo que forma a barra do rio Poxim, e juncto a elle funda um arraial, a que deu o nome de S. Christovam em honra do sancto de seu nome,, Esta é a opinião geral de que se afasta Barlous, segundo o qual a cidade foi edificada á margem esquerda do Cotinguiba e do apicú Pamanga. Pelo seu mappa geographico, continua o autor da

---

sempre ho acompanhou he em todos hos rebates sempre coteve prestes donde resebeo muytas frechadas e pelouradas por estarem franseses em companhia do dito jentio he lhe ensinaram ho artifisio do foguo por terem muytas espingardas que lhe fiquaram de sento e sinquenta anos que tinham mortos avia tres anos na tabajana nos tres piquos hara queriã los ditos franseses por mar ho jentio por terra a tomar a bahia se lhe não viera dar guerra ho dito governador cristovão de barros e hora se tomou muito gentio... etc, etc.  
\_\_\_\_ S. Christovam, 1623.

Historia de Sergipe, está situada sua costa oriental da Ilha dos Coqueiros, formada pelo oceano e os rios Pamanga e Cotinguiba, junto aos apicus que este ultimo rio forma, ficando o forte na margem direita do Cotinguiba.

Tem fallar de outras que o autor não enumera, taes são as opiniões acerca da localização da cidade de S. Cristovam ou Sergipe. Mas, como se pode considerar, são opiniões. Presumem o facto, não o affirmam. Falta-lhes apoio e falta-lhes documentação.

Qual o real e verdadeiro local primitivo da cidade de S. Christovam? Foi ella em verdade o mais antigo estabelecimento portuguez d'entre o Sergipe e o Vasabarris, ou este nome foi dado a alguma fundação franceza conquistada e tomada por Christovam de Barros? Tentaremos repsonder a semelhante interrogação, desejando que nossas razões suppram lacunas e estabeleçam melhor orientação. Perante a historiaa as testemunhas depoem tambem por ouvir dizer, armadas da vantajosa faculdade de, quando sombras envolvem seus testemunhos, haverem a verdade destes por indução de factos muitas vezes pequeninos, e não raro isolados e destacados. Assim como o mais pequeno destroço de um osso fossil é o ponto de partida para a recomposição de um animal archeologico, assim tambem um unico facto isolado pode offerecer azo para desfazer davidas e dissipar trevas que por muito tempo envolveram um assumpto qualquer. Será como um fio de Ariadne nas sinuosidades do labyrintho.

Duas são as causas que precipuas que precedem ao nascimento e formação das cidades: o acaso e a determinação. Ao que são formadas por causa meramente fortuita não assiste a concorrência de certas condições de prosperidade senão lenta e tardiamente. Em redor do pequeno nucleo, muitas vezes insignificante fundo ou propriedade territorial, vão se adicionando edificações, que se multiplicam e crescem, e constituem mais tarde a povoação. É visto que, para burgos assim formados, as causas de progresso não são motivadas; como elles, dependem tambem do acaso. Contudo, muitas das maiores cidades do munfo provém destas condições humildes. Foi assim que cresceram muitas populosas cidades da Alemanha: Berlim, por exeplo, não passou outr'ora de um ponto de descanso de mercadores \_\_\_ de sitio escolhido para reuniao de ferias. Ao contrario, a designação consciente, a conveniencia politica, a determinação humana, enfim, que prescreve o assentamento e levanta o plano de uma cidade, nem sempre poderá preestabelecer o desenvolvimento das colonias, como uma consequencia necessaria e fatal.

S. Christovam, que se diz ter sido fundada por um decreto de Christovam de Barros, desvantajou-se em face de muitas outras localidades de Sergipe. Logo em principio teve de remover seus alicerces, transferida para pontos differentes. Hoje, decadente e despida dos fóros de princeza sergipana, apenas tem o valor de uma cousa antiga que se impõe ao respeito devido as causas que decahem.

Segundo as crenças e lendas populares, os fundamentos de S. Christovam foram cavados para o lado do outeiro de Aracajú, juncto ao rio do Sal. Outras tradições affirmam que foi o lugar conhecido por Cahype ao sudoeste da velha cidade. Outras ainda dizem ter sido o sitio do primeiro estabelecimento de Christovam de Barros lá para as cabeceiras do Rio Comprido no monte onde estão as ruinas da igreja de Nossa Senhora do Desterro, alem da fundação posterior a vinda dos primeiros colonisadores.

Mas, como a maior parte das affirmações eruditas, as indicações populares são naturalmente cheias de arbitrariedades. Nada diremos a respeito, e quanto nos permittirem as forças apreciaremos a primeira das duas que referimos, que é a de Porto Seguro. O proprio Dr. Felisbello Freire, cuja obra teve a dita precipitadamente anunciada por mil tubas de reclame passou de relance sobre a materia. Todo o folego da sua obra está no capitulo referente a mineração em Sergipe. Tem por muito tempo suas mãos entre outros documentos um livro de sesmarias, mas não estudou muitas cartas que copiara, mormente as do padre Bento Ferraz (1601), Domingos Lourenço (1600), a do conselho e outras, que podem derramar alguma luz sobre a questão. E assim continua na escuridade, como causa de pouca monta, uma importante duvida da historia sergipense. Todavia, tal qual elle a escreveu, revela-se um paciente e alongado esforço.

Reproduzindo as opiniões eruditas, resumidas na autoridade de Varhagen que dá para primeiro sitio da cidade as proximidades do isthmo em que a foz barra o Poxim, e na divergencia de Barleus que a colloca em costa da Barra dos Coqueiros. Dr. Felisbello Freire nada mais acrescenta senão que,, prefere estas fontes em semelhante minudencia.

Não é verdade que a primeira povoação portugueza destas pasagens tivesse sido lançada junto ao isthmo em que o Poxim foz barra no Sergipe, pela poderosa razão de nunca ter existido esse isthmo; ou se de facto existio era de condições de firmeza e estabilidade tão ephemeras, como ainda hoje são as praias, e logares que deveriam ter

sido as suas proximidades, e de tamanho e dimensões tão insignificantes e ridículas, que é até irrisório aceitar-se a idéa de nelle ou junto a elle terem sido erguidas edificações de qualquer natureza. Vamos adduzir porvas de indiscutível valor, porque oriundos da propria observação, reveladoras da falsidade de semelhante affirmação.

Todos sabem que o Poxim<sup>10</sup> é um descandaloso rio de aguas lodosas e mortas, lisas e tranquillias mesmo por occasião das maiores enchentes pluviaes, de 10 a 15 metros de largura quando muito, que banha a pequena arca onde está situada a cidade de Aracajú pelos lados de noroeste, oeste e sul, onde desagua no Sergipe. Em seu curso volve-se em gyros tortuosos atravessando mansamente banhados e grandes lagoas razas. Não há noticia de destruições causadas por este rio de modo a lamentar-se o desaparecimento de alguma feitoria secular. Suas aguas ainda hoje correm como provavelmente ao tempo da sua formação. É um rio notavel pela inalteravel dormencia das suas aguas, pelos seus espraiaimentos cobertos de nemuphars e outras plantas aquaticas, pela fertilidade das suas margens, pela esquisitice da sua fauna, pelos seus miasmas febriferos. Por consequencia, salvo a hypothese de um alevantamento subito das forças naturaes, é incapaz de causar qualquer mudança sensivel no solo que vai regando; e mais ainda incapaz de dannificar ou destruir em tres seculos, a ponto de não deixar vestigios, um isthmo de volume e forma relativamente consideraveis.

Um isthmo, que não pode ser tomado senão em accepção geographica, é o pescoço ou porção de terra que prende uma ilha a um continente, formando assim o que se denomina peninsula- quasi ilha: o isthmo de Perekop, os isthmo de Coryntho; a peninsula de Criméa, o Peloponeso. A existencia dos isthmo depende fatalmente da existencia da ilha ou da existencia do continente. A ausencia, por exemplo, da segunda implica a impossibilidade do primeiro. Não obstante, dá-se a existência de um isthmo ligando dois continentes, como o de Panamá e o de Suez, antes da abertura do canal do mesmo nome. Mas, rigorosamente, essas duas regiões (America e Africa), no sentido geographico do termo, são peninsulas, notadas nos mappas como continentes em respeito a cada uma dellas, no dizer de um moderno geographo<sup>11</sup>. Sendo, pois, um isthmo pescoço ou lingua de terra, muitos autores levam a exactidão geographica a ponto de não concederem a Iberia, a Italia e a India, o character de peninsulas, sendo

---

<sup>10</sup> NOTA DA PAGINA 25A

(1). Ipochy, rio feio, rio sujo, na lingua dos naturaes.

<sup>11</sup> NOTA DA PAGINA 26A

(2). Vid. SIR George Grove, Geography.

este nome, com particularidade para a primeira, um mero conceito historico. A Hespanha liga-se a França por uma extensão de 200 milhas, sendo tambem consideravel em largura a parte da Italia que encrava no continente europeu, como a India é justamente larguissima na parte em que se liga a terra firme<sup>12</sup>. Peninsula, portanto, é qualquer arco de terra relativamente pequeno. Era propriamente a Moréa<sup>13</sup>, e d'ahí para menos. Jottismo designou por excellencia o isthmo de Coryntho, de onde a expressão estendeu-se a todos os outros.

Ora, nestas condições, não é inadmissível a hypothese de um isthmo juncto a barra do Poxim, como tambem é possivel a existencia de uma peninsula em qualquer rio, em qualquer lago onde houver uma lingua de terra entre duas aguas. Mas admittida a existencia do isthmo do rio Poxim, e consequentemente a da ilha ou porção de etra que devêra ter prendido a terra firme, deveriam ter sido os dois logares tão exiguamente pequenos e estreitos, e de formação tão solta, que facilmente a maior força do rio, que é a das marés, e entretanto só influem até pouco longe do povoado chamado Mundé da Onça ou Jabotiana, poderia destruil-o em muito menos de seis annos. Neste caso, attendendo-se ainda para largura do Poxim e para a largura do Sergipe (200 a 300 braços pouco mais ou menos) deve repugnar a qualquer espirito abraçar a idéa de uma povoação em tão estranha contingencia de terreno para seu supporte. Um chão em taes consições para aguentar uma cidade, embora nascente, não deveria ter menos de uma legua de largura; o que leva a supor terreno mais compacto e consistente, capaz de resistir durante muitos annos á acção da corrente a mais caudalosa. A maior profundidade do rio Poxim começa a oeste de Aracaju no Mundé da Onça ou Jabotiana, onde uma ponte liga os termos de Aracajú e S. Christovam. D'ahí para a foz, frequentemente intervallado por algumas voltas mais fundas, o declive do leito gradativamente vae subindo em direcção a superficie, a ponto de em muitos logares o rio offerecer passagem a pé enxuto em cada verão; sendo que perto do seu desague ou da barra, em qualquer tempo do anno, póde ser atravessado a váu em cada refluxo ou mesmo por occasião das pequenas marés de enchente; de sorte que da Jabotiana á sua embocadeira tambem deverá ser quasi insensivel a força da correnteza; e nesse caso somente em um decusso de milenios poderia destruir qualquer porção de terra firme

---

<sup>12</sup> NOTA DA PAGINA 26A

(3). Ialem, Ialen.

<sup>13</sup> NOTA DA PAGINA 26<sup>a</sup>

(4). Já hoje não se pode chamar península do Moréa ou Peloponeso visto achar-se franco ao commercio o canal de Coryntho, inaugurado a 6 de Agosto de 1893 em presença do rei da Grecia.

ainda mesmo arenosa.

Do que temos exposto é fácil concluir que de tal isthmo, se realmente ele existio, ainda se notaria vestigios bem vivos, que não é sufficiente para completo desaparecimento delle a acção da natureza em o tão pequeno periodo de trzentos e poucos annos. Demais, a fundação da cidade é datada de 1590, e no anno de de 1603 consta a mudança da cidade para Paramapama. Ora, neste espaço de tempo, embora curto (1590 a 1603) deveria estar segmentada de centenas de fogos, e assim grandes vestigios poderiam ter ficado para ainda hoje serem plenamente observados. É, portanto, erronea a opinião de Porto Seguro.

Não tendo sido ali o sitio primitivo da cidade de S. Christovam, séde do governo do general, deveremos ir buscal-o em outra parte. Essa outra parte, esse outro lugar dista uma legua ou pouco mais da barra do Poxim. É o proprio local por onde hoje se vae estendendo a cidade de Aracajú, que então era povoação ou nucleo séde da dominação franceza, definitivamente ocupada por Christovam de Barros. Esta é a verdade historica a que vem prestar apoio a petição apresentada por Affonso Pereira, procurador do conselho, despachada por Thomé da Rocha a 3 de Setembro de 1603<sup>14</sup>. O local de que falla a petição é Aracajú. Attendendo-se para a natureza do solo maciço e solido, em grande parte terreno de massapê, foi semduvida o espaço comprehendido entre a margem esquerda do pequeno rio Aracajú, affluente do Sergipe, e as encostas do outeiro do mesmo nome, em cujo espaço fica o arrabalde Chica-Chaves ou bairro Industrial, no mesmo lugar onde nos primeiros dez annos deste seculo o padre José Bernardino da Silva Botelho teve a sua fazenda de assucar denominada engenho Aracajú da Cotinguiba<sup>15</sup>. Convem pois que fique assentado que foi franceza a primeira povoação de entre o Sergipe e o Vasabarris, a que se impor o nome de São Christovam ou Sergipe, da qual apoderara-se o general. Aproveitou-se de uma cidade que encontrou, mas não fundou uma cidade logo depois da conquista, como se suppõe. A

---

<sup>14</sup> NOTA DA PÁGINA 29 A:

(5). Carta do Conselho. \_\_\_ Dizem o juis e vereadores e procurador do conselho nesta capitania que o desembargador gaspar de figueiredo omem veo a esta capitania a sete ou oito anos e a seguimento do povo consultou e assentou com os moradores e capitão de se mudar a sidade que no tall tempo estava no aracajú que se avistasse neste outeiro adonde logo se pasou a ygreja e o forte e diso se fizerão outros o que o sôr governador ouve por bem he ora vosa muse manda a todos os moradores que fasão casas e pesão chamos para isto he ara porque até agora, etc,etc. Em seregipe tres de setembro de seiscentos e seis.

<sup>15</sup> NOTA DA PÁGINA 29 A:

(6). A capellinha de S. Antonio do Aracajú que erradamente expõem alguns ser a primeira igreja de S. Christovam, foi edificada posteriormente. É instituição de família Furtado de Mendonça (1740 a 1769).

povoação de origem genuinamente portuguesa sendo certamente de 1590, não foi entretanto assentada no istmo do Poxim ou em suas imediações, como já demonstramos, e não é indubitável que devesse ao próprio Christovam de Barros o assentamento dos seus alicerces<sup>16</sup>.

Urgindo que a séde do governo não continuou em um povoação de procedencia estrangeira e inimiga, e sem fallar das causas phisicas, ruins e deleterias á vista das condições topographicas do local, presumiam os conquistadores que os francezes tentariam desforro. Não lhes era prudente permanecer em tal forte. Arraza-se a povoação, e decidio-se a sua transferencia para uns outeiros escavados pouco afastados do Poxim assim obedecendo inconscientemente os conquistadores a lei das altitudes, por força da qual as antigas cidades têm seu primeiro assento nas eminencias, d'onde ás vezes domina-se o mar á distancia. Esses outeiros, distantes 6 kilometros do oceano, hoje conhecidos por Monte Alegre, Arrozal, Terra Dura e Maria Lourenço, eram optimo local. Ahi foi começada uma igreja (1603) e levantado um novo forte, cujas minas ainda eram consideraveis em principios deste seculo, e cujo local conserva o nome de Forte-Velho. Contudo, foi meteorica a estada da cidade nos outeiros alludidos, ahi demorou pouco tempo, novamente transferida dentro em seis mezes pouco mais ou menos (1603) para as collinas da margem esquerda do Paramopama. Ahi a edificação cresceu rapidamente, pois no mesmo anno de 1603 seus primeiros moradores, dentre os quais citaremos Gaspar de Meirelles, Balthazar Alves, Simão Dias, mameluco, Domingos Rodrigues, Pedro Gonçalves, Antonio Lopes, serralheiro, Manoel Novaes de Sampaio, pedindo chao ao governador pera casa e quintall., , nomeavam já uma sua das frolles,, (Rua das Flores), uma rua Direita e uma Rua Nova.

Ali ficou a cidade até nossos dias.

M. P. Oliveira Telles [Assinatura]

---

<sup>16</sup> NOTA DA PÁGINA 29 A:

(7). De Christovam de Barros consta unicamente o feito da conquista. Nem os documentos, nem as traduções fallam de benfeitorias por elle feitas em Sergipe em terras de sua propriedade. Dos seus sucessores cujo periodo de governo era ordinariamente curto, nenhum possuio terras de sesmaria, a excepção do padre Bento Ferraz, que foi algumas vezes governador interino. O governador Thomé da Rocha porém, tornou-se grande proprietário no Porto da Folha, sua extensão que se vae da serra da Tabanga até defronte de Jacobá (10 leguas). Lá morreu, provavelmente victima das corneiradas.

## REFERÊNCIA DOCUMENTAL

Christophaneida - Introdução a história de Sergipe (manuscrito). Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Arquivo Teodoro Sampaio, Cx. 04, Doc. 07

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colonial: um guia para a leitura de documentos manuscritos*. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco; Fundação Joaquim Nabuco. 1994;

ALVES, Francisco J. *Noções de Paleografia*. Aracaju: s/d, 2007. [Apostilado].

ARAÚJO, Emanuel. *Publicação de documentos Históricos*. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça; Arquivo Nacional, 1985;

BERWANGER, Ana Regina; FRANKLIN LEAL, João Eurípedes. *Noções de Paleografia e Diplomática*. 3 ed. Santa Maria: Editora UFSM. 2008;

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005;

LEAL, João Eurípedes Franklin; SIQUEIRA, Marcelo Nogueira. *Glossário de Paleografia e Diplomática*. Rio de Janeiro: Luminária, 2011.

HORCADES, Carlos M. *A evolução da escrita: história ilustrada*. 2.ed. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2007.

MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita: história do livro, da imprensa e da Biblioteca*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2002.

SAMARA, Eni de Mesquita (org.). *Paleografia, Documentação e Metodologia histórica*. São Paulo: Humanitas, 2010.

\_\_\_\_\_. *Paleografia e fontes do período colonial brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 2005.